

CASTRO SOROMENHO: 5 EVOCAÇÃO NA SÁ DA COSTA

A Sá da Costa Editora leva a efeito na próxima quarta-feira, pelas 18 e 30, na sua livraria, uma sessão para o lançamento público do livro «Terra Morta», de Castro Soromenho, terceiro título da colecção «Vozes do Mundo». Será lida uma mensagem de sua viúva, Mercedes Castro Soromenho, e falarão, sobre a obra e o autor, Henrique Abranches, representante do MPLA, e o escritor Manuel Ferreira.

Relativamente ao problema africano foram também lançados por aquela editora os n.º 4 e 5 da colecção Cadernos Livres, respectivamente «Os Camponeses Africanos e a Revolução», de Basil Davidson, e «Portugal e o Neocolonialismo», de Eduardo Sousa Ferreira.



Evocação de Castro⁵ Soromenho

O escritor Castro Soromenho será evocado na próxima quarta-feira, pelas 18 e 30, na Livraria Sá da Costa, editora de todos os volumes que escreveu. A iniciativa assinala o lançamento público da sua última obra: «Teresa Morta», terceiro título da colecção «Vozes do Mundo».

Será lida uma mensagem da viúva do escritor, Mercedes Castro Soromenho. Falarão sobre a obra e o autor Henrique Abranches, representante do M.P.L.A., e o escritor Manuel Ferreira.

Relativamente ao problema africano foram também lançados pela Sá da Costa os n.º 4 e 5 da Colecção Cadernos Livres, respectivamente «Os Camponeses Africanos e a Revolução», de Basil Davidson, e «Portugal e o Neocolonialismo», de Eduardo Sousa Ferreira.

Evocação ⁵ de Castro Soromenho na Sá da Costa

A Livraria Sá da Costa Editora leva a efeito, depois de amanhã, pelas 18.30, nas suas instalações, uma sessão para o lançamento público do livro «Terra Morta», de Castro Soromenho.

No decorrer dessa sessão será lida uma mensagem da viuva daquele autor, falando, ainda, sobre a obra. Henrique Abranches, representante do M. P. L. A. e o escritor Manuel Ferreira.

.....

LANÇAMENTO PÚBLICO ⁵ DE «TERRA MORTA» de Castro Soromenho

A Sá da Costa, Editora, promove hoje, pelas 18 e 30, na sua livraria da Rua Garrett, o lançamento público do livro «Terra Morta», de Castro Soromenho.

Estarão presentes Henrique Abranches e Manuel Ferreira, que falarão sobre o autor e a sua obra.

«TERRA MORTA» 5 (de Castro Soromenho) pôde agora ser publicada

«Lendo Castro Soromenho, se compreenderá melhor o que ele representa no espaço da literatura africana de expressão portuguesa. Uma viragem de 180 graus no ponto de vista da narrativa angolana. O

branco, o colono, o dono de Angola é reduzido à sua condição de explorador. E não só, vamos lá. O negro, ou o mestiço, entendido como ser vilipendiado e explorado de tudo quanto é seu» — disse, ontem, na Livraria Sá da Costa, o escritor Manuel Ferreira, sobre o perfil e a obra do autor de «Terra Morta», na hora da sua reedição.

Composto em 1945, o livro foi à Censura e proibiram-no. Em 1949, «Terra Morta» é editado no Rio de Janeiro. Um editor português tentou lançá-lo nessa altura em Portugal, mas a P. I. D. E. apreendeu-o. Entretanto, a obra era publicada em França, Alemanha, Checoslováquia, Hungria e União Soviética.

Nesta sessão de (re)lançamento — a que esteve presente a viúva do escritor — o militante do M. P. L. A. e representante deste Movimento em Lisboa, Henrique Abranches, evocou, também, a luta contra a opressão, o passado colonial, o neocolonialismo e o imperialismo. A terminar, disse Henrique Abranches: *«Apelo para a responsabilidade dos intelectuais portugueses, pedindo-lhes que se fixem um pouco sobre Angola, para que consigamos evitar que a sua literatura de futuro seja um testemunho dramático».*

DIÁRIO DE LISBOA
Lisboa

-5 JUN. 1975

OS PORTUGUESES JÁ PODEM LER «TERRA MORTA» DE CASTRO SOROMENHO

Proibido, em 1945, pela censura e apreendido, mais tarde, uma semana depois de editado, o romance «Terra Morta» de Castro Soromenho pode, finalmente, ser lido em Portugal.

A edição deste livro que Agostinho Neto definiu como sendo um «discurso da germinação da revolta, ainda cega, ainda bloqueada, mas caminhando para a sagrada esperança» reveste-se de uma importância muito especial no momento presente. Perseguido e obrigado a emigrar em circunstâncias particularmente difíceis, Castro Soromenho foi um dos escritores portugueses que mais se bateram contra o fascismo e que, até por ter sido obrigado a viver longe do País, menos conhecido é das novas gerações. Politicamente intran-

sigente e dotado de uma consciência muito clara do significado e da natureza do colonialismo, numa época em que poucos portugueses se apercebiam do que estava a acontecer em África, Castro Soromenho faz uma autêntica viragem de 180 graus na literatura africana de expressão portuguesa, para usarmos a expressão com que Manuel Ferreira definiu o significado da obra deste autor no decorrer de uma sessão de lançamento do romance, que ontem teve lugar na Livraria Sá da Costa.

«O branco, o colono, o dono de Angola, disse Manuel Ferreira, é reduzido, na obra de Castro Soromenho, à sua condição de explorador».

No decorrer desta breve cerimónia em que participaram a viúva do autor, vários escritores portugueses e Henrique Abranches, representante do M.P.L.A., a vida e a obra de Castro Soromenho foram evocadas em palavras que bem definem o papel desempenhado por Castro Soromenho na literatura e na vida do seu tempo.

CASTRO SOROMENHO ESCRITOR DE ANGOLA

de «Terra Morta» (agora reeditado)
ao Movimento Popular de Libertação

«O autor de «Terra Morta» tinha uma fé inabalável no Homem e na sua capacidade perene de escolha e sobrevivência. A sua luta contra a opressão desenvolveu-se, paralelamente, em duas pátrias que muito amou, em dois campos de batalha: Portugal (que não suportava ver marginalização como nação) e Angola. E para Angola — que há cinco séculos arrastava suas correntes e seu martírio — como para os demais povos africanos, ele aspirava uma independência de paz e união na certeza que esse seria o caminho mais seguro para a África Negra de, reencontrando-se com o passado, poder, finalmente, forjar o seu próprio destino.»

Assim se evocou ontem — através das palavras de Mercedes, sua viúva —, na Livraria Sá da Costa, o escritor Castro Soromenho, assinando o lançamento de «Terra Morta».

Em 1945, este livro foi enviado à Comissão de Censura e de lá voltou sem a aprovação de aprovações de editar-se. Quatro anos mais tarde, em 1949, chegou ao Rio de Janeiro. Mas quando um editor português voltou a tentar lançá-lo no nosso país, ele foi apreendido ao fim de uma semana. Entretanto, «Terra Morta» ia avançando, além-fronteiras, para França, para a Alemanha, a Checoslováquia, a Hungria, a União Soviética.

A sessão de lançamento deste livro de Castro Soromenho permitiu não só uma aproximação do autor e da sua obra, traçada por Manuel Ferreira, mas também a evocação da Angola de passado secularmente colonial, da presente situação de

pré-independência da luta do M.P.L.A. contra o colonialismo e o imperialismo, através de Henrique Abranches, representante deste Movimento.

«Lendo Castro Soromenho — disse Manuel Ferreira — se compreenderá melhor o que ele representa no espaço da literatura africana de expressão portuguesa. Uma viagem de 180 graus no ponto de vista da narrativa angolana. O branco, o colono, o dono de Angola, é reduzido à sua condição de explorador. E não só, vamos lá. O negro, ou o mestiço, entendido como ser vilipendiado e explorado de tudo quanto é seu.»

«Terra Morta», «discurso da perminação da revolta, ainda cega, ainda bloqueada, mas caminhando em abraço para a «sagrada esperança», na metáfora de Agostinho Neto», diria Manuel Ferreira.

O representante do M.P.L.A. Henrique Abranches, evocou a seguir, em palavras de combatente, e de um dos escritores angolanos pela libertação nacional. Evocou nomes: Agostinho Neto, António Jacinto, António Cardoso, Costa Andrade e Agostinho Neto, presidente do Movimento e poeta), e lembrou os campos em que se tem forjado a sua criação literária; as prisões da P.I.D.E., o Tarragal, o exílio, a guerrilha, e a actual fase da luta.

A frente dos Comités de Intervenção Revolucionária (C.I.Rs.) e das bases do M.P.L.A., nasceram novas formas de expressão artística; nas «jogueiras do guerrilheiro», surgiram novos talentos (e Henrique Abranches citou o camarada «Caminho Longo», o camarada «Essência do



Manuel Ferreira e Henrique Abranches, na sessão de ontem na Livraria Sá da Costa, exaltaram, no grande escritor angolano Castro Soromenho, o valor da literatura africana no espaço português e a luta de todos os escritores de Angola pela libertação (Foto «D. N.» — Alberto Santos)

Homem», o comandante Valódia, morto há pouco em combate com as forças traidoras de Chipenda).

«Hoje — afirmou o representante do M.P.L.A. — estamos a sedimentar uma experiência difícil. Amanhã alguns de nós traduzi-la-ão para o povo de Angola.»

Henrique Abranches fez, a terminar, um apelo à responsabilidade dos intelectuais portugueses, pedindo que «se fixem um pouco sobre

OS LIVROS MAIS VENDIDOS DA SEMANA

5 LIVRO	AUTOR	EDITOR	PREÇO	PÁGS.
«Situação da Classe Trabalhadora em Inglaterra»	Engels	Presença	110\$00	446
«A Luta na Sierra Maestra»	Che Guevara	Ásiria e Alvim	65\$00	227
«Terra Morta»	Castro Soromenho	Sá da Costa	100\$00	261
«Morrer em Madrid»	F. Rossif e M. Chapeal	Bertrand	120\$00	137
✓ «Os Camponeses Africanos e a Revolução»	Basil Davidson	Sá da Costa	25\$00	51
«Democracias Populares»	François Fejtó	Europa América	200\$00	336
«Arte de Viver para a Geração Nova»	Raul Vaneigen	Apontamento	90\$00	300
«Educação num Portugal em Mudança»	Vitorino M. Godinho	Cosmos	80\$00	233
«Pequena Antologia do Anarquismo»	Vahig	Iniciativas Editoriais	60\$00	144
«Camponeses e Luta de Classes»	Bernard Lambert	D. Quixote	65\$00	179

LIVRARIAS CONSULTADAS: Barata, Portugal, Diário de Notícias (Chiado), Atica, Opinião, Ulmeiro e Sá da Costa.

Diário Popular

12-6-75

OS LIVROS DE MAIOR VENDA

SÃO ESTES OS LIVROS QUE DURANTE A SEMANA MAIS SE TÊM VENDIDO:

- 1 — CONFESSO QUE VIVI — Pablo Neruda — Europa-América
- 2 — DEMOCRACIAS POPULARES — François Fejtó — Europa-América
- 3 — TERRA MORTA — Castro Soromenho — Sá da Costa
- 4 — FILOSOFIA DE ALCOVA — Marquês de Sade — Afrodite
- 5 — MORRER EM MADRID — Bertrand
- 6 — PLANIFICAÇÃO SOCIALISTA DA ECONOMIA — Bettelheim — Edições 70
- 7 — CONCEITOS ELEMENTARES DO MATERIALISMO HISTÓRICO — Marta Harnecker — Presença
- 8 — O MILAGRE SEGUNDO SALOMÉ — José Rodrigues Miguéis — Estúdios Cor
- 9 — EMMANUELLE — Emmanuelle Arsan — Agência Portuguesa de Revistas
- 10 — IMPERIALISMO E DEPENDÊNCIA — Marta Harnecker — Iniciativas Editoriais

OS LIVROS DE MAIOR VENDA

S DURANTE A SEMANA TÊM SIDO ESTES
OS LIVROS MAIS VENDIDOS.

- 1 — **CONFESSO QUE VIVI** — Pablo Neruda —
— Europa-América
- 2 — **AQUI EMISSORA DA LIBERDADE** — Matos
Maia — Rádio Clube Português
- 3 — **ANTI-VIRGEM** — Emmanuelle — Agência
Portuguesa de Revistas
- 4 — **PENA SUSPENSA** — Jean Paul-Sartre — Ber-
trand
- 5 — **MEMÓRIAS ERÓTICAS DE UM BURGUES**
— Livros do Brasil
- 6 — **TERRA MORTA** — Castro Soromenho — Sá
da Costa
- 7 — **O QUE É A CONSCIENCIA DE CLASSE?**
Wilhem Reich — Dinalivro
- 8 — **CHINA — OUTRO MODO DE VIDA** — Wil-
fred Burchet — Europa-América
- 9 — **KAMA-SUTRA** — Vatsyayana — Livros
do Brasil
- 10 — **SOBRE A SITUAÇÃO EM CABO VERDE** — Sá
da Costa

Esta resenha foi elaborada segundo as informa-
ções que nos forneceram as livrarias Ática, Bertrand,
Europa-América, Portugal e Sá da Costa.

5
TERRA MORTA

de Castro Soromenho

Com intervenções de Henrique Abranches e Manuel Ferreira, que evocaram com emoção e com largueza interpretativa a obra pioneira de Castro Soromenho — grande criação literária e denúncia do colonialismo primitivista e bárbaro em Angola — a Livraria Sá da Costa lançou há dias em acto público de homenagem o romance «Terra Morta». É este livro, que esteve longos anos proibido pela Polícia e censura do fascismo português, uma das mais belas e poderosamente reveladoras criações de Castro Soromenho. Os leitores de hoje, como os de 1949 que puderam conhecer a obra, encontrarão nela um dos maiores prosadores portugueses deste século e, ao mesmo tempo, um «clássico da literatura angolana» que há-de engrandecer-se com a génese da nova nação a erguer-se inquietamente na África.

«TERRA MORTA»
de Castro Soromenho
após 30 anos
de interdição **5**

Tendo sido proibida de editar pela Comissão de Censura, em 1945, «Terra Morta» teve em 1949 uma edição brasileira que pouca divulgação conseguiu em Portugal. Assim, praticamente desconhecida do público, é agora editada pela Sá da Costa, na sua Colecção Vozes do Mundo, esta obra do escritor Castro Soromenho, considerado já por muitos um clássico da literatura angolana.

**OS LIVROS
DE MAIOR VENDA**

EIS OS LIVROS QUE, DURANTE A SEMANA,
MAIS SE TÊM VENDIDO:

- 5**
- 1 — **EMMANUELLE** — Emmanuelle Arsan — Agência Portuguesa de Revistas
 - 2 — **INTRODUÇÃO A POLÍTICA** — Fernando Luso Soares — Diabril
 - 3 — **FILOSOFIA NA ALCOVA** — Marquês de Sado — Afrodite
 - 4 — **REFORMA E REVOLUÇÃO** — André Gorz — Edições 70
 - 5 — **MEMÓRIAS ERÓTICAS DE UM BURGUES** — Livros do Brasil
 - 6 — **PEQUENA ANTOLOGIA DO ANARQUISMO** — Stirn — Iniciativas Editoriais
 - 7 — **TERRA MORTA** — Castro Soromenho — Sá da Costa
 - 8 — **DIMENSÃO OBSCURA DA POLÍTICA** — Francisco Corrêa Guedes — Bertrand
 - 9 — **SEXUS** — Henry Miller — Livros do Brasil
 - 10 — **MORRER EM MADRID** — Frederic Bossif — Bertrand

Esta resenha foi feita de harmonia com as informações recebidas pelas livrarias: Apolo 70, Atica, Bertrand e Portugal.

OS 10 LIVROS MAIS VENDIDOS DA SEMANA

5 LIVRO	AUTOR	EDITOR	PREÇO	PÁGS.
A Nossa Luta na Sierra Maestra	Che Guevara	17 de Outubro	65\$00	227
Situação da Classe Trabalhadora em Inglaterra	Engels	Presença	110\$00	445
Morrer em Madrid	Frédéric Roseip	Bertrand	120\$00	137
Em Defesa do Marxismo	Lenine	Informa	40\$00	135
Imperialismo e Dependência	Marta Harnecker	Iniciativas Editoriais	15\$00	82
Mao Tsé Tung e a Construção do Socialismo	Hu Chi-Hsi	D. Quixote	85\$00	180
Filosofia de Alcova	Marquês de Sade	Afrodite	180\$00	359
O Testamento de Noé	Paul Poisson	Bertrand	90\$00	282
Terra Morta	Castro Soromenho	Sá da Costa	100\$00	281
O Idealismo Crítico e a Crise da Ideologia Burguesa	Vasco Magalhães Vilhena	Cosmos	70\$00	198

LIVRARIAS CONSULTADAS: Bertrand, 111, Diário de Notícias (Chiado), Portugal, Barata, Lisboa



Os Best-Sellers da quinzena

por Pedro Tamen

Class. ant.	Título	Autor	Editor
1.º	1.º Sindicalismo - II	Marx / Engels	Escorpião
2.º	— Praça da Canção	Manuel Alegre	Centelha
3.º	— O Capital	Marx	Edições 70
4.º	— Terra Morta	Castro Soromenho	Sá da Costa
5.º	7.º Memórias Eróticas de um Burguês	Anónimo	Livros do Brasil
6.º	5.º Confesso que Vivi	Pablo Neruda	Europa-América
7.º	— A Nossa Arma é a Greve	Diversos	Textos Marginais
8.º	— Irrupção da Moral Sexual - II	W. Reich	Escorpião
9.º	3.º O Combate Sexual da Juventude	W. Reich	Textos Marginais
10.º	2.º O Estado e a Revolução	Lenine	Textos Políticos

Foram consultadas as Livrarias Ailland & Lello, Apolo 70, Ática, Barata, Diário de Notícias, Escolar Editora, Parceria, Portugal e Rodrigues.

COMENTÁRIO:

Com a ressalva do primeiro lugar, este quadro apresenta-se bastante «mexido» em relação ao da última quinzena. E não pode deixar de saudar-se o aparecimento de um poeta e de um prosador português nos primeiros lugares. Note-se ainda o regresso da edição popular (mas cientificamente organizada) do *Capital* de Karl Marx, que sofrera um eclipse nas últimas semanas.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS
Lisboa

- 3 JUL 1975

OS 10 LIVROS MAIS VENDIDOS DA SEMANA

LIVRO	AUTOR	EDITOR	PREÇO	PAGS.
Morrer em Madrid	Frédéric Rossif	Bertrand	120\$00	137
Emmanuelle e anti-virgem	Emmanuelle Arsar	Agência Portuguesa de Revistas	80\$00	
Antologia de poesia portuguesa erótica e satírica	vários	Afrodite	160\$00	371
Confesso que vivi	Pablo Neruda	Europa-América	120\$00	348
A nossa luta na Sierra Maestra	Che Guevara	17 Outubro	65\$00	227
O testamento de Noé	Paul Poisson	Bertrand	90\$00	263
Os camponeses cubanos e a revolução	vários	Ulmeiro	20\$00	108
Terra morta	Castro Soromenho	Sá da Costa	100\$00	
A filosofia na alcova	Marquês de Sade	Afrodite	190\$00	364
MFA documentos da Revolução	César Oliveira	Diabril	100\$00	

LIVRARIAS CONSULTADAS: Portugal, Galeria 111, Bertrand, Ática, Sá da Costa, Ulmeiro, «Diário de Notícias» (Chiado).

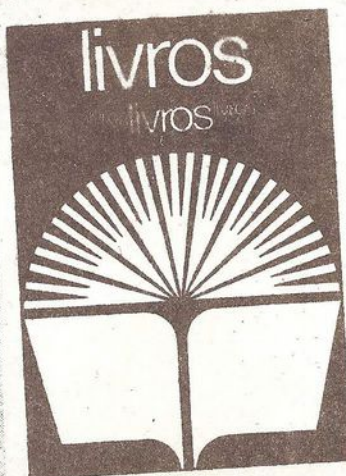
6 CASTRO SOROMENHO tornou-se para a minha geração o símbolo do escritor ^{proibido} nessas paragens assoladas pela PIDE e pela Censura. Os seus livros não se podiam publicar em Portugal e iam-se à sucapa, em edições brasileiras ou até francesas. Fruto proibido por excelência da literatura portuguesa dos tempos do fascismo, a obra de Castro Soromenho ganhou naturalmente o prestígio que essa qualidade confere e expôs-se também naturalmente aos equívocos fatais sobre a sua qualidade literária. A medo, pois, peguei nesta edição da Terra Morta, agora lançada pela Sá da Costa: iria encontrar mais do que um documento histórico e indubitavelmente assinalável de uma luta exemplar ou iria desiludir-me da admiração que sentia pelo autor como escritor? Não, não me desiludiu esta Terra Morta, lida tantos anos depois, e sobretudo tantos anos depois de ter sido escrita. Marcado pela data de composição (1949), este romance, para além do circunstancial que lhe influenciou a escrita, permanece vivo e importante. Soromenho, ao escrevê-lo, chegava ao ponto decisivo da sua carreira literária, começada no folclorismo inevitavelmente paternalista com que encarava a realidade humana do indígena angolano (Nhari, o seu primeiro livro, é um bom exemplo) para desembocar mais tarde, em 1957, ao realismo profundamente dramático de Viragem.

A África, mas de outra maneira, se refere também um livrinho ora publicado por Carlos Benigno da Cruz que reúne, depois de uma introdução histórica e geo-económica, textos impressionantes do colonialismo português em S. Tomé e Príncipe e da luta que contra ele travaram os são-tomenses, sobretudo integrados no M.L.S.T.P.



Sempre se falou pouco por cá de S. Tomé, que parecia pacificamente aceite ser uma enorme roça donde vinha o cacau sem problemas de maior. E nem o «escândalo» Gorgulho, que instalou o terror nas ilhas durante oito anos, agitou muito a consciência entaipada dos portugueses de então. E agora que se aproxima o 12 de Julho da independência, é o momento asado para se ler este volume documental e esclarecedor.

Continuando a falar de colonialismo, cito dois dos últimos números do «Cadernos Livres» da Sá da Costa. Num — **Os Camponeses Africanos e a Revolução** — o inglês Basil Davidson, célebre estudioso dos problemas africanos e lutador anti-colonialista ao lado dos movimentos de libertação das colónias portuguesas, analisa num artigo escrito em Janeiro de 1974 a adesão das massas rurais africanas à luta, emancipalista; no outro — **Portugal e o Neocolonialismo** — Eduardo Sousa Ferreira, economista português com carreira científica e docente feita na Alemanha Federal, revela penetran-



temente o papel do capitalismo português na manutenção da presença colonial portuguesa em África nas últimas décadas e, sobretudo, como ele se preparava para, depois das independências, levar a cabo uma exploração de tipo neocolonial.

Está claramente ultrapassado o Programa de Política Económica e Social elaborado por uma comissão chefiada pelo então ministro sem pasta Melo Antunes, antes do 11 de Março. Mas, não só para a história desse passado recente, como para ajudar a pensar os urgentes e inadiáveis caminhos do próximo futuro, é de considerável interesse o livro que a Moraes publicou agora, em que se reúnem textos de economistas ou comentadores económicos, de orientações ideológicas diversas, sobre o referido Programa — porque são de fundo e ultrapassam largamente a circunstância os problemas levantados. Os textos são do ministro Melo Antunes, de Francisco Sarsfield Cabral, de César Oliveira, de Leonardo Ferraz de Carvalho, de Eugénio Rosa, de João Martins Pereira e de João Cravinho.

COISAS

por TOGO BATALHA

5

CASTRO SOROMENHO

JORNALISTA E ESCRITOR

No jornal «A Palavra», que publicou-se durante alguns anos em Luanda, jornal de que fui Delegado Correspondente em Lisboa até ao seu desaparecimento, publiquei no seu número 130, de 29 de Setembro de 1972, umas linhas referentes a Castro Soromenho, um antifascista de antes quebrar que torcer e que, tão caluniado foi, algumas vezes por indivíduos que tinham por obrigação de o admirar, não só em consequência do seu valor literário que era muito, como ainda pelas suas convicções políticas, sempre ao serviço da Democracia.

Foi um dos escritores portugueses que conheceu Angola e Moçambique como a palma das suas mãos, por ali ter vivido durante longos anos. Em Portugal dedicou-se ao jornalismo, profissão que exerceu por pouco tempo pois voltou-se para a literatura, cujo primeiro livro, «Nhari», saiu em 1938. A sua obra embora não vasta, é, contudo, de

grande valor. Escreveu além de «Nhari», «Calenga», «Noite de Angústia», «Rajada e outras Histórias», «Homens sem Caminho», «Desterrado»: «Sertanejos de Angola». «A

Aventura e a Morte no Sertão» «A maravilhosa Viagem dos Exploradores Portugueses» «Viragem» «A Chaga» e «Terra Morta», que não chegou a entrar no mercado livreiro, por ter sido proibido pela PIDE, uma organização assassina que ao serviço da dupla Oliveira Salazar—Marcelo Caetano, cometeu durante quarenta e oito anos, os maiores e mais repugnantes crimes, o que não impede que, alguns dos seus agentes com numerosos crimes às costas andem em Liberdade.

Já depois do 25 de Abril de 1974, a Livraria Sá da Costa, situada no Chiado, em Lisboa, editou e colocou à venda «Terra Morta», o maravilhoso livro de Castro Soromenho, que segundo parece, tem sido um verdadeiro sucesso de livraria. Foi esse sucesso que a PIDE, algum tempo antes do 25 de Abril, conseguiu evitar, proibindo a sua venda já depois do livro estar impresso.

Vamos deixar arquivadas nas colunas do jornal «O Comércio da Póvoa de Varzim» algumas opiniões de críticos, considerados dos melhores.

O escritor e crítico João Gaspar Simões, no jornal «Diário de Lisboa», escreveu:

«Um homem que viveu uns quinze anos em Angola, em contacto íntimo com o negro do interior, deve ter trazido consigo um cabedal de experiência riquíssimo. Efectivamente, não creio que haja em Portugal escritor que melhor tenha escrito literariamente sobre África».

Fidelino de Figueiredo, escritor e antigo Director da Biblioteca Nacional de Lisboa, na História Literária de Portugal — Sécs. XII-XX, disse:

«Castro Soromenho é que me parece haver dado os passos mais seguros na constituição de um romance africano ou na compreensão do negro, como tipo humano, compreensão com esforço de simpatia».

CASTRO SOROMENHO

(Continuado da página 1)

O escritor Pierre Hourcada, no «Bulletin des Études Portugaises», não teve dúvidas em afirmar:

«... Não conheço, em qualquer língua, outro escritor europeu que tenha ido tão longe no conhecimento verdadeiro da humanidade africana, sem lirismo supérfluo nem erudição etnográfica como Castro Soromenho».

A chamada «literatura colonial», segundo Adolfo Casas Monteiro, era escrita por intelectuais que mal conheciam a África.

«Terra Morta», de Castro Soromenho, é um livro maravilhoso. Dele transcrevemos parte do capítulo XIII:

«Vou já, senhor Administrador. E saiu a correr para a varanda. A porta, ia esbarrando com o Antunes.

— Homem, você não vê onde põe as patas!

Silva desfez-se em desculpas que

não vira, que não sabia que o senhor administrador estava ali, que foi por vir depressa...

Tome isto e despache já um cipaio — disse o administrador, agitando um papel em frente dos olhos pasmados do secretário. E se não os encontrarem, que tragam o soba e a família dessa canalha. E já nos degraus da varanda, recomendou: Quero cá essa gente amanhã.

Sim, senhor administrador. Eu mesmo...

Qual você! — cortou bruscamente. — Mande mas é o cipaio prender esses cães.

Com o capacete puxado para os olhos, uma varinha de bambu na mão, Gregório Antunes atravessou o largo, sacolejando a barriga, e entrou em casa a chamar pela mulher em voz alta.

Coço Batalha